
**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Taís Nunes Garcia Semaan

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Neste artigo apresentamos aspectos da didática do ensino de uma língua estrangeira para crianças de 2 a 5 anos e a importância da contação de histórias para o aprendizado de uma segunda língua na Educação Infantil. A partir do trabalho com narrativas orais, os professores despertam pequenos leitores e estimulam o mundo da imaginação. Nosso trabalho é enriquecido por perspectivas teóricas de Lev Vygotsky (1987) e Nelly Coelho (1991).

Palavras-chave: Educação infantil; Contação de histórias; Línguas estrangeiras.

Abstract: In this article, we present aspects of the didacticism in teaching a foreign language for children from 2 to 5 years old and the importance of storytelling when learning a second language in preschool teaching. Working with oral narratives, teachers can stimulate young readers and their imagination. Theoretical perspectives written by Lev Vygotsky (1987) and Nelly Coelho (1991) enrich our text.

Keywords: Preschool teaching; Storytelling; Foreign languages.

Introdução

As narrativas orais surgiram em decorrência da capacidade humana de memorizar e recontar o que se enuncia na voz e, por isso, tornaram-se uma ferramenta de preservação da cultura e a única fonte de aquisição e transmissão de conhecimento para as civilizações que ainda desconheciam a escrita.

Segundo o antropólogo e jornalista Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), “tradução, *traditio, tradere*”, pode ser entendida como “entregar, transmitir, passar adiante, em um processo de divulgação do conhecimento popular ágrafo” (1978, p. 27). Seria como uma notícia passada sucessivamente entre indivíduos, conservada em memória ou por escrito.

A narração de histórias sempre reuniu contadores e ouvintes pela arte da palavra. O linguista suíço Paul Zumthor (1915-1997) entende que a tradição oral de um grupo social é formada por um conjunto de intercâmbios orais ligados a comportamentos mais ou menos codificados, cuja finalidade básica seria manter a continuidade de determinada concepção de vida e de uma experiência coletiva. O contar oralmente é, assim, a base da tradição de valores para a sociedade.

O texto oral, devido ao seu modo de conservação, é menos apropriável que o escrito; ele constitui um bem comum no grupo social em que é produzido. Nesse sentido, ele é mais concreto do que o escrito: os fragmentos discursivos pré-fabricados que ele veicula são, ao mesmo tempo, mais numerosos e semanticamente mais estáveis. (ZUMTHOR, 1997, p. 258).

Para o sociólogo Oswaldo Xidieh (1915), inclusive, a literatura oral sempre possui uma função:

A literatura oral nunca é gratuita como pode ser a literatura culta. Ela tem uma função, ou mais de uma: preserva as crenças, os valores, os comportamentos dos grupos rústicos que as produziram. [...] esta funcionalidade ou relação constante entre a história contada e as normas sociais de quem as conta e do seu auditório põe em relevo o significado presente e atuante dos causos, estórias e lendas, deixando na sombra, ou em segundo plano, os problemas de origem histórico-geográfica dessas formas simbólicas. Enquanto há e enquanto houver um cotidiano popular e rústico, a tradição se rerepresenta e se reelabora, não como reprodução compulsiva do passado, mas como resposta às carências sofridas pelas comunidades. (1993, p. 19).

A voz poética, portanto, desempenha um papel fundamental de coesão social. Fica clara a força da experiência coletiva quando da prática da oralidade.

A contação de histórias para crianças de 2 a 5 anos está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta em sala de aula incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura, a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura, o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e crenças.

A oralidade possui uma ampla margem para a invenção. Mesmo havendo o desejo de se conservar uma voz original, há a tendência inevitável de desdobrá-la.

Segundo o psicólogo austríaco Bruno Bettelheim (2002, p. 197), a contação de histórias é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de se conseguir maturidade intelectual. O conteúdo pré-consciente das imagens é muito rico porque estimula a criança a desenvolver seu intelecto.

O cientista bielorrusso Lev Vygotsky (1896-1934) entende que o processo de aprendizagem acontece enquanto a criança brinca, canta e age entusiasticamente. Assim, ele entende que:

[...] a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamados de brinquedo. [...] no brinquedo a criança é livre para determinar suas próprias ações. A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual – ou seja, entre situações no pensamento e situações reais (2007, p. 108).

Segundo Vygotsky (1930, p. 107), “no brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é sua realidade”. Isso ocorre porque, “no brinquedo, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores”. Assim, as brincadeiras desenvolvidas em sala de aula antecipam o desenvolvimento; com o brinquedo a criança começa a adquirir motivação, habilidades e atitudes necessárias à sua participação social, que só pode ser completamente atingida com a assistência de seus companheiros da mesma idade ou mais velhos.

Considerando que as crianças necessitam de situações reais para que ocorra a aprendizagem, contos infantis podem ser levados para a sala de aula, pois se encaixam em uma situação real – simulativa com dinâmica de situação real. Os contos fazem parte da vida de algumas crianças, de seu conhecimento anterior e de sua vivência. O processo de contação de histórias, portanto, deve ser abordado como significativo pela criança, é visto por ela com

interesse e estimula sua fantasia e criatividade. Esse processo significativo e interessante pode contribuir para aumentar a motivação da aprendizagem de uma língua estrangeira na escola.

Trabalhar com uma forma diferente de linguagem com alunos de Educação Infantil, mais precisamente com uma língua estrangeira, leva a criança a se desenvolver em diversas áreas, como a cognitiva e as capacidades relacionais e afetivas, o que pode levá-lo ao desenvolvimento integral, no qual ele passa a dominar a linguagem, que se mostrará fundamental para ele, respeitando os eixos da Educação Infantil como o conhecimento de mundo buscando o conhecimento de si mesmo.

O aprendizado de uma língua estrangeira contribui para o aperfeiçoamento das relações pessoais e sociais, pois age como um elemento de promoção do autoconhecimento e do conhecimento do outro, abrangendo a interação cultural que passa a ser importante para a formação da criança.

Outro fator positivo para o uso da literatura no ensino de uma língua estrangeira é o fato do professor poder fazer uso de figuras enquanto conta uma história. Assim, a partir desta prática, a criança pode assimilar mais facilmente o que está sendo dito, pois pode interligar significado e significante. Ao ligar o que está ouvindo ao que está vendo, o aluno é capaz de compreender, de maneira mais ampla e satisfatória, o que está sendo estudado.

Ao ensinar para crianças utilizando-se dos recursos que os textos literários oferecem possibilita também ensinar um pouco da cultura da língua que está sendo trabalhada.

O ensino de língua estrangeira para crianças

O trabalho de ensino de uma língua estrangeira para crianças de 2 a 5 anos deve levar em conta aspectos como a maturidade cognitiva dos alunos, a bagagem cultural em língua materna – que facilita o processo de aprendizagem de uma nova língua – e suas relações sociais. Desta maneira, o direcionamento pedagógico deve corresponder às características da Educação Infantil, que prioriza a aquisição da linguagem oral e escrita, assim como o desenvolvimento global dos participantes. Além disso, as atividades de contação de histórias devem levar em conta as experiências das crianças e seus interesses.

Nessa fase do ensino, a elaboração de atividades lúdicas para se trabalhar com os alunos é indispensável para a promoção do aprendizado, quando se deseja promover o aprendizado de uma língua estrangeira. O profissional mediador desse processo deve estar plenamente motivado em cumprir sua missão de ensinar e precisa perceber a funcionalidade da língua estrangeira a ser trabalhada em sala de aula.

Sempre deve-se ter em mente que cada criança possui seu próprio ritmo de amadurecimento e de desenvolvimento, e que cada passo dado pelo aluno em qualquer área do conhecimento possibilita a construção de sequências linguísticas. O trabalho com a língua, seja esta materna ou não, faz referência direta com as teorias de aquisição de linguagem e com a análise psicológica do comportamento verbal, pois ao tratarmos de língua como objeto de estudo, temos que considerar a habilidade e os estilos de aprendizagem da expressão linguística pelo aluno, respeitando seu tempo e seu processo de construção.

Considerando que a linguagem se constrói como resultado da interação do indivíduo com o meio e suas relações funcionais, observamos que linguagem e psicologia estão diretamente ligadas. Por conseguinte, devemos recorrer à psicolinguística para ampliar nosso estudo.

O ensino de uma segunda língua revela um panorama complexo de questões que ainda não puderam ser plenamente solucionadas quando relacionados à aquisição de uma segunda língua. Uma delas refere-se ao tempo necessário da apreensão dos elementos de uma segunda língua e a relação destes com o concreto. Em língua materna relacionamos cada palavra com um objeto concreto existente, ou muito conhecido pela memória auditiva do falante. Já em uma segunda língua, estabelecem-se ligações com a tradução, o que impossibilita a organização mental desta linguagem e favorece somente a estrutura fonética entre os elementos das duas línguas – o que muitas vezes dificulta a compreensão geral da segunda língua, inibindo que o aluno se expresse nesse segundo idioma.

A psicolinguística questiona a relação entre o aprendizado visual, que ocorre na primeira língua, e o auditivo, que geralmente acontece na segunda, e até que ponto essa diferença pode interferir no processo de aprendizagem. A relação distinta estabelecida na segunda língua entre o significante e o significado, faz com que a criança constantemente questione a funcionalidade da segunda língua que aprende.

O desenvolvimento cognitivo da criança de Educação Infantil, especificamente de 2 a 5 anos, necessita, portanto, de um processo concreto que viabilize o processo de assimilação e acomodação da informação. A construção da linguagem em outra língua torna-se abstrata por não se relacionar com o significado e sim com o significante da língua materna. Exemplificando este conceito, é possível perceber que as crianças não têm noção da existência de milhares de línguas espalhadas pelo mundo. Para elas, quando alguém atribui outro nome para algo que já está nomeado em seu universo, seria como se estivesse negando seu conhecimento prévio e refutando o antigo nome.

O entendimento de que em cada lugar se fala de maneira diferente, requer forte noção de tempo e espaço. Para uma criança, o mundo se resume à escola, à família, ao lar, à casa de alguns amigos e a algumas partes da cidade que a marcaram por algum motivo específico.

Esta breve análise demonstra o grau de complexidade relacionado ao ensino de uma língua estrangeira na Educação Infantil. O professor deve ter em mente que as atividades propostas devem promover a inserção de novos valores de verdade, sem anular os que já acompanham a criança, recebidos pelo contato direto com sua língua materna.

Quando língua é conceituada como uma habilidade, ou um hábito automático referente à comunicação, a língua materna é tida como algo mecânico, diferente do processo de construção do conhecimento da segunda língua. Por isso, trata-se de um processo demorado, sistemático, sequencial e que deve considerar a etapa do desenvolvimento cognitivo do aluno, para que esta construção seja funcional. O aluno deve se sentir à vontade com novas expressões e entender que uma língua não restringe a outra, mas a complementa.

Para o psicólogo e pedagogo italiano Renzo Titone (1925-2013), o tipo de aprendizagem influencia também a aptidão linguística (1983, p. 27). Essa aptidão está presente em todos os grupos que estabelecem relações com línguas estrangeiras. A esse respeito, o psicólogo americano John B. Carroll (1916-2003), por sua vez, afirma:

Extensos estudos por mim realizados evidenciaram diferenças notáveis na aptidão para o estudo das línguas estrangeiras. Isto é verdadeiro no que se refere tanto a crianças, quanto a adolescentes e a adultos. Mesmo que ficasse provado que as crianças aprendem as línguas mais rapidamente do que os adolescentes, permanece de qualquer modo o fato de que muitas entre elas encontram uma grande dificuldade (CARROLL, 1960, p. 14, tradução nossa).

Os neurocientistas Wilder Penfield e Lamar Roberts (2014, p. 235) afirmam que, em relação à aprendizagem de um segundo idioma, crianças são aprendizes mais eficientes que adultos. Segundo eles, o cérebro das crianças possui uma capacidade especializada para a aprendizagem de língua, e essa capacidade é evidenciada até a idade limite de 9 anos. A idade limite está relacionada à flexibilidade (ou plasticidade) cerebral, que permite a aprendizagem direta, a partir do estímulo recebido.

Penfield e Roberts (2014) acreditam que há uma diferença fisiológica entre as aprendizagens direta e indireta de uma língua. A aprendizagem direta, considerada por eles a única e efetiva, diz respeito a como a criança aprende a primeira língua em casa; a indireta diz respeito às atividades desenvolvidas em sala de aula. Segundo os pesquisadores, após os 9 anos, as crianças se tornam mais analíticas e aprendem indiretamente, por exemplo, via unidades da sua língua materna, devido à redução da flexibilidade cerebral.

Assim, podemos até preestabelecer que as crianças em Educação Infantil tenham maior facilidade para apreensão da língua. Todavia, isto não é regra, e os professores precisam estar preparados para lidar com eventuais dificuldades.

A aptidão linguística está provavelmente associada a habilidades áudio-orais, como imitar as séries de sons da língua diferente e poder construir uma memória mecânica e auditiva para com esta língua discriminarem os sons além de reproduzi-los.

A metodologia adequada para o ensino de uma língua estrangeira mostra-se claramente diferente das metodologias para o ensino da língua materna. Segundo (VEIGA, 1991, p. 93): “a metodologia do ensino passa a se preocupar com a atividade teórico-prática da ação didática a partir de uma concepção histórico-dialética do mundo para a compreensão e a intervenção no processo educativo”. Sendo assim, faz-se necessária a compreensão do contexto e da valorização dos fatos históricos para que haja a construção de diferentes conceitos, utilizando-se de métodos variados que venham a atender à realidade.

A Abordagem da Gramática e da Tradução (AGT), por exemplo, consiste no ensino da segunda língua tendo como referência a língua materna. São essenciais, neste caso, três procedimentos: memorização, conhecimento das regras necessárias para a utilização da língua

e exercícios de tradução e versão. O objetivo desta abordagem é fazer com que o aluno domine a gramática da língua estrangeira e aprimore a escrita nessa língua.

Em oposição a essa metodologia surge no século XVI – a Abordagem Direta (AD), que valoriza a linguagem oral, estimulando o processo cognitivo para a utilização da língua. Nesta abordagem, a linguagem escrita passa a ser complemento do processo de aprendizagem, que está fundamentado em ouvir, falar, ler e escrever. Segundo a Abordagem Direta, o aluno deve pensar na língua estrangeira e, portanto, tradução e versão não são utilizadas como recurso didático. A construção da língua se dá pela prática ou pelo contexto.

Na Educação Infantil, o desenvolvimento da linguagem está atrelado ao do pensamento. Logo, o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira necessita de encaminhamento didático pedagógico que atenda à especificidade desta fase do ensino.

A língua estrangeira estabelece uma relação de abstração com o aluno e muitas vezes se apresenta fora de sua realidade. Desta maneira, deve-se ter cuidado na escolha dos eixos temáticos abordados na Educação Infantil. É necessário verificar os elementos que estão presentes no contexto. É possível e recomendável que se insira aspectos da cultura estrangeira como fator motivador para a construção de diferentes conceitos, mas deve-se ter em mente que as crianças de Educação Infantil possuem de 2 a 5 anos e os encaminhamentos didáticos devem atender às diretrizes nacionais, priorizando o brincar e o conhecimento de mundo para a formação integral da criança.

Contação de histórias e o aprendizado de LE

Crianças são seres histórico sociais e desenvolvem o processo de construção de conhecimento utilizando diferentes linguagens. Elas exercem a capacidade de levantar ideias e hipóteses tendo como referência seu contexto e suas experiências. O conhecimento deve ser entendido não como cópia da realidade, mas sim como resultado de interação, significação e ressignificação da vivência com a individualidade. Este pensamento tem como fundamento as abordagens de Piaget, Vygotsky e Wallon.

Considerando a natureza multissemiótica da linguagem, o ensino de língua estrangeira deve promover o desenvolvimento da interculturalidade, embasado em cantar (atividades musicais), brincar (jogos) e contar (atividades narrativas).

Música é um recurso didático que está diretamente relacionado à contação de histórias e que possibilita aos alunos o desenvolvimento de várias habilidades tidas como pré-requisitos necessários para a construção da linguagem oral e escrita da criança durante e após a Educação Infantil.

As canções infantis são também uma forma de linguagem. Portanto, auxiliam na expressão e na comunicação de sentimentos, sensações e pensamentos. Além disso, por meio da música, de forma inconsciente, os alunos aperfeiçoam a pronúncia da língua estrangeira.

Em sala de aula, o professor pode trabalhar com movimentos de expressão, atividades cênicas ou artes visuais, promovendo a expansão do vocabulário, podendo elevar a música a instrumento auditivo e visual no conhecimento de uma nova linguagem.

Para as crianças, a capacidade de guardar nomes na memória curta mostra-se ainda em desenvolvimento. Assim, é muito comum um aluno não se lembrar do que foi dito na aula anterior. Talvez ele possa se lembrar e relatar algo em sua língua materna, mas é incomum lembrar-se dos termos aprendidos em língua estrangeira. Por isso, é bastante necessário repetir sempre os termos já ensinados. E grandes recursos para incentivar a repetição são justamente atividades com músicas e a contação de histórias.

Os termos ensinados devem ser repetidos para que haja compreensão do vocabulário no contexto.

Um recurso interessante a ser utilizado no ensino da segunda língua é a abordagem desenvolvida por Maria Montessori (1965), a partir da qual deve-se planejar o ato de aprender e compreender em três tempos: a *apresentação*, na qual o professor apresenta o item ao aluno e pode fazê-lo repetir seu nome algumas vezes; em seguida, é feito o movimento do *reconhecimento*, no qual cabe ao aluno reconhecer e mostrar o item nomeado pelo professor; e, por fim, cabe ao aluno *nomear* o item apresentado pelo professor.

A pesquisadora Nelly Coelho (1990) defende que a história contada permanece na mente da criança após o término da leitura e é incorpora ao pensamento como alimento de sua imaginação criadora. Por isso, a autora propõe a elaboração de atividades subsequentes, que

ajudem a digerir esse alimento, associado a outras atividades. A história funciona como agente desencadeador de criatividade, inspirando cada pessoa a manifestar-se expressivamente. Dentre as atividades propostas pela autora, estão: dramatização, desenhos, recortes, brincadeiras, criação de textos orais ou escritos, entre outras.

Do ponto de vista pedagógico, tais atividades, além de dialogarem com as necessidades e interesses dos pequenos alunos, contribuem para o desenvolvimento do indivíduo, pois propiciam o desenvolvimento de operações de pensamento e de linguagem; oferecem oportunidade de expressão de sentimentos e emoções; e favorecem a socialização do aluno, mediante a realização de atividades cooperativas.

Entendemos que nas histórias infantis é possível encontrarmos elementos ligados a valores éticos, de incentivo à autodescoberta, confiança e autoestima. Portanto, ao realizarmos as atividades propostas a partir dos temas abordados durante a leitura, as crianças desenvolvem não apenas os aspectos intelectuais de sua formação, mas também questões emocionais e afetivas.

Ao aplicar a proposta de trabalho lúdico após a leitura dos textos ao ensino de língua estrangeira, compreendemos que a aprendizagem de um idioma é o resultado do contato do aluno com ela e de sua prática. Neste sentido, observamos que as atividades práticas estimulam a familiarização do aluno com as estruturas linguísticas, e aspectos gramáticos e lexicais que contribuem para o aprendizado do idioma.

A contação de histórias pode ser considerada uma atividade eficiente a ser utilizada como instrumento no ensino de uma língua estrangeira para crianças, pois consegue envolver o aluno em suas necessidades emocionais, psicológicas e cognitivas.

Ao abordarmos o ensino de uma língua estrangeira para crianças, a concepção mais recorrente é a de ensino de vocabulário. Tal avaliação advém em grande parte da falsa crença de que, por serem ainda pequenos e por não conviverem com a língua estrangeira fora dos muros da escola, os alunos terão dificuldade na aprendizagem – daí a restrição ao ensino lexical. Entretanto, a prática pedagógica de ensino de língua estrangeira com a contação de histórias para crianças mostra o quanto elas são capazes de ir além do léxico, das estruturas gramaticais, e além do próprio texto.

Crianças aprendem palavras rapidamente, mas o aprendizado de estruturas cujo uso é menos óbvio ocorre, de fato, mais lentamente. A pesquisadora britânica Lynne Cameron (2001) considera o desenvolvimento de vocabulário e gramática indissociável, sendo o primeiro imprescindível para o aprendizado e uso da segunda. Ela explica que o vocabulário útil é a aprendizagem de língua estrangeira no nível primário e que informações gramaticais são veiculadas por meio dele, embora a aquisição seja primeiramente no âmbito oral, haja vista a perceptível demora para a aquisição de seu significado. A mesma estrutura pode ser repetida várias vezes, não como mera repetição, mas com a exploração de diferentes contextos significativos e com o uso de vocabulário diverso.

O benefício da contação de histórias para o ensino de língua estrangeira para crianças está, também, no fato das narrativas serem, em geral, divertidas, e poderem, assim, auxiliarem no desenvolvimento de atitudes positivas em relação à aprendizagem. Inclusive, ao ouvirem e se envolverem com as histórias, os alunos utilizam a imaginação – poderoso instrumento de conexão da fantasia com o mundo real.

Neste contexto, Vygotsky (2003, p. 153) define fantasia como “uma experiência oposta à realidade, porém com raízes nas experiências reais do ser humano, pois, por mais que imaginemos uma criatura, uma situação, um mundo, determinadas características destes terão algo em comum com o mundo real”. Esta seria a primeira fonte da realidade da fantasia. A segunda fonte considerada pelo autor seria o sistema de nossas vivências internas, sobretudo desejos e emoções. No entanto, “as causas que condicionam seu trabalho se encontram profundas dentro do ser humano e muitas vezes permanecem ocultas para a consciência”.

Vygotsky (2003) também estabelece a diferença entre a função da imaginação e da memória. Enquanto a primeira é a organização de formas de comportamento que ainda não ocorreram na existência do ser humano, a função da segunda consiste em organizar a experiência de forma que repita aproximadamente o que já aconteceu. Para o autor, acreditar que o funcionamento da imaginação seja algo espontâneo e sem motivo é uma ilusão.

Quanto à contação de histórias, Vygotsky (2003) postula que as crianças encontram nas narrativas uma fonte inesgotável de vivências e, dessa forma, a fantasia abre novas portas para que necessidades e aspirações adquiram vida. Outro aspecto considerado por ele é a necessidade que as crianças apresentam de repetição das histórias. Gostam de escutar a

mesma história diversas vezes e a frequente repetição, por sua vez, contribui para que determinados aspectos linguísticos sejam adquiridos enquanto outros são reforçados.

Diversas histórias contêm repetição natural do vocabulário principal e de estruturas linguísticas importantes, o que auxilia os alunos a se lembrarem de cada detalhe. Isso também faz com que eles aprendam a gradualmente anteciparem o que acontecerá na sequência narrativa.

De acordo com Ellis e Brewster (1991, p. 2), acompanhar o significado da história e antecipar a linguagem a ser utilizada são habilidades importantes na aprendizagem de línguas, pois desenvolvem no aluno a noção geral do texto e a segurança de que eles são capazes de compreender o enredo, ainda que não dominem o significado de todas as palavras em língua estrangeira. Os autores apontam, também, para a oportunidade de o professor, a partir do trabalho de contação de história, introduzir ou revisar a língua em contextos variados e familiares, para enriquecer o vocabulário do aluno.

Assim, quando a criança ouve uma palavra desconhecida em uma frase, de resto compreensível, e a escuta novamente em outra frase, começa a ter uma ideia do novo conceito e, mais tarde, se sentirá à vontade para usar tal palavra. Uma vez que a tenha usado, a palavra ou conceito já passa a lhe pertencer.

O significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. Na contação de histórias, as palavras em língua estrangeira podem assumir um significado claro, por estarem dentro de um contexto significativo para as crianças.

Considerações finais

O ensino de uma língua estrangeira possibilita reflexões quando utilizada como área do conhecimento na Educação Infantil, influenciando o desenvolvimento cognitivo, relacional e acadêmico das crianças de 2 a 5 anos, além de expandir o conhecimento cultural dos alunos.

Neste trabalho discutimos a importância de atividades de contação de história para o estímulo do aprendizado de uma língua estrangeira em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CAMERON, Lynne. **Teaching languages to young learners**. Cambridge: CUP, 2001.

CARROLL, John B. Foreign languages for children – what research says. **The National Association of Elementary School Principals**, Alexandria, v. 39, n. 6, p. 12-15, 1960.

CASCUDO, Luis da C. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1978.

CHAGAS, R. Valnir C. **Didática especial de línguas modernas**. São Paulo: Nacional, 1957.

COELHO, Nelly N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

ELLIS, Gail; BREWSTER, Jean. **The storytelling handbook**: a guide for primary teachers of English. London: Penguin, 1991.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia científica**: a descoberta da criança. Trad. Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1965.

PENFIELD, Wilder; ROBERTS, Lamar. **Speech and brain mechanisms**. Princeton: Princeton University Press, 2014.

TITONE, Renzo. **Psicolinguística aplicada**: introdução psicológica à didática das línguas. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Summus, 1983.

VEIGA, Ilma P. A. **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1991.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XIDIEH, Oswaldo E. **Narrativas populares**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.